

Buenos Aires, 1975 – o poema como último recurso de Ferreira Gullar

Eleonora Ziller Camenietzki*

*Somos todos irmãos
Não porque seja o mesmo o sangue
que no corpo levamos:
o que é o mesmo é o modo
como o derramamos.*

Ferreira Gullar

Derrota política, exílio, solidão. Esses são os marcos que fazem surgir o “Poema sujo”, momento alto da poesia de Gullar e um dos mais belos poemas escritos em língua portuguesa. No exílio, em Buenos Aires, após uma fuga arriscada do Chile por causa da queda de Allende, já não há nada com que o poeta possa contar, nem a família, nem os amigos. Às vésperas do golpe militar de 1976, o cerco aumenta, ele está sem recursos e a cada dia fica mais concreta a possibilidade da morte eminente. O ano de 1975 é especialmente difícil para os militantes do PCB que ainda estão no Brasil. Em janeiro a sede do jornal *Voz Operária* é encontrada e invadida pela polícia, centenas de militantes são identificados, dezenas são presos e torturados, muitos estão desaparecidos e até hoje suas famílias cobram explicações do Estado. Em outubro, a morte de Wladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI choca o país e se torna um marco na luta contra a tortura.

O poema nasce como última resposta: um amplo e vertiginoso inventário de sua vida. Das suas impressões da infância na longínqua São Luís do Maranhão até um balanço das suas mais arrojadas experimentações poéticas, num movimento que mimetiza a voracidade do fluxo da memória, mas que é ao mesmo tempo um processo de condensação de muitos procedimentos poéticos anteriores, torna-se uma espécie de ponto de chegada que reúne um prolongado e diversificado exercício de criação. Por mais que se inscreva no impulso e no desespero, que nasce como um vômito, como ele mesmo descreve em seu livro autobiográfico, *Rabo de foguete*, o poema brota da sua incansável busca pela palavra precisa, pela expressão exata, surge, enfim, primordialmente de seu trabalho com a linguagem.

A poesia é seu último espaço de resistência, pois mesmo diante de uma realidade esmagadora e de um mundo desencantado, é ela que lhe proporciona a possibilidade de retorno à cidade natal. Nascida do sujo e da lama, a memória recupera lugares afetivos, nomes, casas, ruas, gestos, sons, cheiros. Mas ele não volta no tempo:

As casas, as cidades,
São apenas lugares por onde
passando
passamos
 (ora sentado ora deitado
 ora comendo na mesa
 bebendo água do pote
 ora debruçado
 no peitoril da janela, o frango
 pingando ensopado debaixo

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

do jirau de plantas)

Nem a pé, nem andando de rastros,
Nem colando o ouvido no chão
Voltarás a ouvir nada do que ali se falou.
(TP, 1981, pp362-363)

A matéria principal de que trata o *Poema sujo* é a vida mesma, e não se restringe a um protesto ou denúncia de atos arbitrários de governos. Atravessam-no uma inquietante investigação filosófica e estética. Bastante diferente de Pablo Neruda, que em seu *Canto geral*, também escrito aos 45 anos, dedica o final do poema a um elogio ao seu partido, nos famosos versos “Me fizeste indestrutível porque contigo não termino em mim mesmo”, em Gullar encontramos o homem frágil e solitário, e que denuncia a condição aporética e contingente das relações entre a linguagem e a realidade. Esse movimento já é fortemente percebido no poema “Dentro da noite veloz”, publicado um ano antes do *Poema sujo*:

Ernesto			Che			Guevara
teu		fim		está		perto
não		basta		estar		certo
pra		vencer		a		batalha.
Ernesto			Che			Guevara
entrega-te			à			prisão
não		basta		ter		razão
pra	não		morrer		à	bala.
Ernesto			Che			Guevara
não			estejas			iludido
a	bala	entra		em	teu	corpo
como		em		qualquer		bandido.
Ernesto			Che			Guevara
por		que		lutas		ainda?
a		batalha		está		finda
antes		que	o		dia	acabe.
Ernesto			Che			Guevara
é	chegada		a		tua	hora
e		o		povo		ignora
se por ele lutavas."						

Nenhum indício o faria crer que um novo mundo surgiria da luta comum de todos os homens, nem mesmo ele poderia se sentir autorizado a falar em nome das dores daqueles que tombaram lutando. O que vemos é o poeta e seu próprio abismo, o fluir incessante do tempo, que não é uma convenção evolutiva e linear, mas múltiplo e simultâneo. A poesia é “fala humana, voz de gente, barulho escuro do corpo, intercotado de relâmpagos” (TP, 1981, p 304). O corpo, com seus sentidos e prazeres, instala a fugacidade e fragilidade da existência, a materialidade que produz o pensamento, mas que se desdobra e recomeça, apesar de limitado e finito. Como nos versos:

fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras

e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentido
para explodir como uma galáxia
de leite
no centro de tuas coxas no fundo
de tua noite ávida
cheiro de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos do corpo
do teu corpo do eu corpo
corpo
que pode um sabre rasgar.
(TP, 1981, p. 305)

Entretanto, essa volta ao corpo que o poeta empreende no poema não é apenas a um amontoado orgânico, pois a ele se acrescenta a dimensão de um corpo que é também tecido histórico-social, iconoclasta e desierarquizado:

meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monturo
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
de Fra Angélico verdes
de Cézanne
matéria sono de Volpi
(TP, 1981, p.308)

Na cidade da memória, o corpo do poeta se desdobra em suas ruas e praças,:

Me lavo no Ribeirão
Mijo na fonte do Bispo
Na Rua do Sol me cego
Na Rua da Paz me revolto
Na do Comércio me nego
Mas na das Hortas floresço;
(TP, 1981, p. 369)

No poema da memória, imagem, linguagem e realidade estão na cidade, que se movimenta incessantemente, refúgio que o poeta no exílio carrega consigo. É a sua São Luís, que está impressa em seu corpo e na memória de suas sensações, que o poeta reconstrói para sobreviver e que não existe fora dele. Lugar recriado, cidade dos versos e enigmas, pulsando no ritmo das palavras, gravada em preto na folha em branco. Apenas tinta e letra, ela ressurgue a cada leitura. A precariedade permanece, e a finitude se expande, no movimento captado que adormece nas estantes até que um olhar o ponha novamente em movimento. E aqui estamos, sabendo que

A cidade está no homem
Mas não da mesma maneira
Que um pássaro está numa árvore
Não da mesma maneira que um pássaro
(a imagem dele)
está/va na água

e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa.

Os caminhos que o poeta trilhou foram pouco ortodoxos, e muitas vezes os mais difíceis. Basta para compreendermos melhor sua trajetória o fato de que ele só passou a integrar os quadros do PCB em abril de 1964. Segundo ele, era necessária uma ação política organizada para resistir ao golpe militar. Isso não é pouco, pois foram dias em que muitos comunistas esqueceram a carteirinha no bonde e foram se esconder debaixo das cobertas. Mas a figura do “militante revolucionário radical” nunca lhe caiu bem, embora vários críticos cobrassem suas vestes de guerrilheiro. Entretanto, fruto das circunstâncias políticas que o arrastaram para fora do país, escreveu uma das mais sensíveis expressões poéticas da América Latina.

Aos 80 anos, Ferreira Gullar recebeu o mais importante prêmio literário em língua portuguesa, o Prêmio Camões e é consagrado como um dos mais importantes poetas do século XX. Seu gosto inconfundível pela polêmica, a paixão com que se lançou em tantos debates, o destemor diante de tantas situações, são marcas de sua trajetória. Gullar nunca se preocupou em agradar a júris ou a críticos de plantão. Entretanto, o que será que passava pela cabeça daquele garoto de 19 anos que, em 1949, ao lançar um pequeno livro de poesia lá em São Luís do Maranhão, escreveu a seguinte dedicatória: “Para a Biblioteca Nacional, um exemplar da minha estréia”?

O livro de estréia, *Um pouco acima do chão*, não foi a estréia definitiva. O próprio Gullar reconhece a fragilidade de sua primeira tentativa. Mas, os anos se passaram e o poeta cresceu, veio para o Rio de Janeiro e em 1958 já havia se tornado um crítico de arte influente, um poeta respeitado e um polemista de primeira linha.

Com o intenso movimento de redemocratização do país nos primeiros anos da década de 1980, ele acabou se tornando uma espécie de porta-voz involuntário da política cultural dos comunistas. Quando se consolida o quadro para uma transição democrática, ele se afasta definitivamente de qualquer militância partidária. O poema “A Queda de Allende”, publicado em *Muitas Vozes*, de 1999, é a outra ponta da trajetória de Gullar. A poesia do mundo, do concreto e do vivido. É um poema composto de três partes que reapresenta alguns fatos vividos por Gullar no dia em que o presidente chileno foi deposto, em 1973. Na primeira parte, o poeta confessa que, na urgência de conseguir sua ração de leite, passou à frente de uma senhora que se dirigia para a fila. Na segunda, conta como esconde o dinheiro na palmilhado sapato para ir ao encontro da resistência ao golpe, pois o mundo desabava e ele, ainda assim, fora comprar cigarros. Na terceira e última parte, o poeta vê soldados que atiram contra uma fábrica, que revida também atirando, e, no intervalo entre o tiroteio, jovens num terreno baldio jogam bola. A seguir, um fragmento do poema:

A QUEDA DE ALLENDE

A luz da manhã era
leitosa e não se via o
leiteiro na esquina
da Carlos Sampaio
Desci
com dois litros

vazios		atravessei		o
conjunto		residencial		do
outro lado da				
praça	havia		uma	fila
de	gente		comprando	leite
e	à		minha	frente
uma		senhora		se
dirigia	também		para	lá
pensei	em	bancar	o	cavalheiro
mas	o		leite	era
pouco deixei-a para				
trás	sem		saber	que
daquele				leite
não haveria de beber				

No livro *Dentro da noite veloz* ele já havia escrito “Dois poemas chilenos” em que homenageava Salvador Allende, assassinado em 1973. Gullar retorna ao tema e escreve um novo poema. Nele, ao invés de atos de coragem e determinação para defender o presidente eleito, o poeta quer garantir o leite, que é pouco. Esses mesmos episódios referentes ao golpe militar do Chile haviam sido narrados pelo poeta em entrevistas e crônicas durante a década de 1970 e nos capítulos 59 e 60 do seu autobiográfico *Rabo de foguete*. Nessas narrativas, os fatos são apenas alguns acontecimentos pitorescos que envolvem o narrador no dia da queda do presidente chileno. Entretanto, ao serem trazidos para o espaço poético, esses mesmos episódios passam a interrogar mais intensamente o leitor. O olhar do poeta se desloca para uma região de sombra, para a percepção do detalhe que escapa, a explicitação de um gesto que no poema, deslocado de seu enquadramento referencial imediato e de suas justificativas racionais, ele desautomatiza sua recepção.

Embora o cenário seja de um dramático fato histórico, o que se passa com o poeta é absolutamente prosaico. O cotidiano, entretanto, é destoante, chama a atenção para o inesperado da atitude, em total descompasso como gesto que seria mais condizente com um militante de esquerda que está vivendo no exílio. Sua solidariedade o faria ceder a vez à senhora, mas a necessidade o pressiona a uma atitude muito pouco altruísta. O procedimento crítico do poeta é o mesmo seguido em outros momentos de sua poesia: deslocamento do olhar para os atos mais banais que sobrevivem mesmo em face dos maiores e piores acontecimentos, diluindo sua tragicidade e desierarquizando-os ao confrontá-los aos grandes atos heróicos. No *Poema sujo*, a guerra se mistura ao miúdo da vida da cidade pequena, e, segundo o poeta, Stalingrado resiste, entre outras coisas, “Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro” (GULLAR, 2000: 237). O novo poema sobre a queda de Allende integra, então, o sentido que preside também o *Poema sujo*: nega o auto-elogio a um suposto heroísmo individual, nega a exaltação do martírio e se contrapõe à redução ideologizante da dimensão mitificadados fatos políticos. O universo em que a poesia de Ferreira Gullar se movimenta é estritamente humano e irreligioso: em suas deficiências e limitações, não deixa espaço para o mito. Como acentua Arrigucci: “A atitude do homem comum, sem lugar entre a pretensão e a humildade, exposto com todas as suas fragilidades, exatamente como nas memórias, está de novo presente aqui. Com efeito, é um homem frágil quem está atrás da voz que nos fala, sozinho como o caniço pensante de Pascal em face do infinito silêncio do cosmo”.